

Corta Luz / Luiza Baldan

Deixo o espaço invadir o trabalho.

Independência na Rua Ipiranga.

Estreio o caderno feito por Lorena e uso a caneta velha do Marcos que não funciona mais. Insisto. Conheci esse prédio através de uma fotografia alemã. Todos estrangeiros, tentando falar alguma coisa sobre a arquitetura moderna brasileira, ou não. Daqui não tenho a noção da imagem famosa do populoso complexo que reúne em 6 blocos 1610 apartamentos porque sou uma unidade autônoma contida na imensidão.

Viverei aqui por mais tempo que o dono dessa casa de veraneio invernal no centro novo da capital. Eu mal conheço o Ricardo e não faço ideia de quem sejam Keila, Alice, Camila e sabe lá mais quem passou por aqui. Pago a conta que vai vencer e pronto.

Entrar na casa vazia de muitas pessoas me faz especular sobre tudo, duvidar da sujeira, questionar o conteúdo da garrafa de saquê, ter nojo do sabonete em barra. Pelos de desconhecidos, tábua do vaso sanitário de desconhecidos. Tomar banho de chinelo mesmo depois de deixar tudo de molho em X14.

A faxina nunca é profunda demais para tirar os resquícios das vidas passadas. As paredes não deixam esquecer: o reboco em forma de bandeira, pregos e furos por todos os lados. O desenho no chão deixado pelos móveis que há muito não eram movidos do lugar. Redistribuo tudo a meu modo, brinco de casinha como no tempo das bonecas. Invento proveito para objetos que foram deixados no fundo do armário. Dou importância a tudo o que encontro pela frente e guardo novamente no armário o que não me faz falta, para quem sabe, o próximo inquilino redescobrir a sua utilidade.

Por mais habituado, cada dia o ato de mudar se torna mais violento. Então a solução é ocupar aos poucos pequenas áreas delimitadas que se expandirão com o uso.

A luz entra pela sala, mas o sol jamais. Ele apenas se insinua para além da malemolente curva. O amarelo que me chega vem refletido pelo edifício-garagem-arranha-céu de 31 andares que bloqueia o horizonte. 290 vagas para automóveis bloqueiam o horizonte. Aqui no prédio são 221, mas estão no subsolo e não obstruem a vista de ninguém.

Meu horizonte são verticais de prédios; janelas que se multiplicam sem cessar, já que umas se refletem nas outras entre transparências e interpenetrações.

Avisto um coração na vidraça do vizinho. A leitura é a mesma para quem está dentro ou fora, uma maneira eficaz de comunicação entre milhares de pessoas que dividem a mesma quadra triangular. Ele no Louvre e eu no Copan. Minha *Copancabana* inscrita no Guinness Book.

Cortinas improvisadas com cobertores de lã são vistas pelo hall de elevadores, além de quilômetros de tubulações que percorrem o edifício. Tubos que transportam gases, águas e sons de um lado para outro.

Cortinas cortam a luz, edifícios cortam a luz. Um rebatimento de sol engana a cortina, atravessa a nesga e filtra a parede de azul.

Quando chove e venta forte, as pastilhas da fachada caem como granizo.

É expressamente vedado a qualquer condômino ou titular de direito, ou a quem que, por qualquer título, esteja na posse ou no uso de qualquer unidade autônoma, usar, alugar, ceder, emprestar, no todo ou em parte, para pessoa de vida ou ocupação duvidosa. É expressamente vedado o atendimento de público nas galerias. Estas são medidas que visam garantir a segurança e a valorização das propriedades, bem como a saúde o sossego e a convivência harmoniosa da comunidade residente.

Ao lado da Consolação, Sinatra me diz para voar longe sem contar para a minha mãe.

9 de julho na Nove de Julho.

A greve geral me tira o sono e me embala num ruído branco que se soma aos tão recorrentes da geladeira, do registro de água, do vento pela janela, das infinitas obras, do caminhão de lixo, do gerador, do ônibus, do alarme dos carros, dos helicópteros sobrevoando a minha cabeça... Um zumbido que não para jamais. Me assomo para tentar seguir a passeata, mas não vejo a rua, apenas moças limpando os vidros penduradas sem qualquer proteção e, distraída, encontro novamente a bandeira do Brasil, imóvel, pendurada sobre a veneziana do vizinho.

Tiro o colchão do chão e improviso uma cama. Nem tudo é tão duro quanto parece. O frio impregnado por falta de sol se ameniza na colcha felpuda e nos lençóis amarelos que foram dos meus pais.

Transito entre o *Inverno en Lisboa* e o inverno em São Paulo.

Percebo que não se trata de inventar uma residência nova, mas de uma internação extrema por tempo determinado. Mesmo estando em uma cidade-mundo que conheço há tanto tempo, sinto-me

desconhecida e estranha, como se fosse minha primeira visita à cidade grande. A fragilidade de ser alguém pequeno entre torres de concreto distribuídas ao acaso sem plano diretor, em um mosaico arquitetônico que faz do céu uma aparição.

Expando e contraio os caminhos a percorrer, protegida na metrópole da Companhia Panamericana, onde espaço público e privado se misturam harmonicamente. Do meu apartamento no bloco B ao escritório no Pivô, basta pegar um elevador e subir uma escada. O ateliê é uma continuação orgânica da casa em que habito, reproduzida em ambientes distintos mas em escala semelhante. Os pregos reaparecem nas paredes e o sofá-cama está à disposição dos visitantes.

Deixo o trabalho invadir o espaço.

Rememoro as dificuldades e alegrias da casa em que vivi há um ano e que me ensinou a atravessar cordilheiras para encontrar a mim mesma, até chegar mais uma vez à conclusão de que sou minha própria casa, autônoma do lugar onde me encontro. Para a pauliceia delirante, além de casa trago afeto. Afeto este que independe da geografia e também cruza cordilheiras e estradas. Outros tantos que aqui já existiam ou que nascem agora no processo de aclimatação.

No percurso do elevador à casa, a vizinha do 317 deixa a porta aberta bem na hora do solzão de meio-dia. Tamanha gentileza brilha sobre o corredor já amarelo e rebate pelas paredes, cintilando. Já reconheço o cheiro da casa. Não me assusto com os barulhos perdidos, com a buzina de navio que é a descarga da vizinha ou com o baticum repetitivo de um apartamento longínquo, nem com o porteiro empurrando as contas por debaixo da porta. Gosto até do sabonete em barra.

Tive que me registrar na administração do edifício. Tenho um cadastro de moradora para que, segundo o síndico, todos saibam que eu exista e que, assim, possam me proteger.

Todas as manhãs a rotina se repete e abro ligeiramente a cortina. Faz alguns dias que a esta hora vejo um senhor baixinho de meia-idade, uniformizado e de boné, sobre a cobertura do que foi o cinema para 3500 pessoas e que hoje é uma igreja em reforma – abandonada – que modificou completamente o projeto original. O telhado fica bem em frente à minha janela e o funcionário pode praticamente me olhar nos olhos.

A Recopa é do Corinthians. Pessoas agasalhadas no manto do Coringão ou vestidas com camisetas oficiais sob os uniformes de trabalho. Tarde da noite e o povo jogando bombas em comemoração à vitória sobre o São Paulo. Meu pai era corintiano, mas nunca simpatizei com o time. Prefiro o Santos e a sua história, talvez por ser alvinegra. Botafoguense e botafogana que sou, recebo aqui em casa o sinal de uma rede wi-fi chamada Botafogo.

A estrela solitária me conduz.

Sambão na República e guerra no Leblon. O som de *Se acaso você chegasse* entra pela varanda enquanto leio as notícias absurdas vindas da minha antiga rua, a Rainha Guilhermina, daquela casa que bastante se assemelha a esta. Imagino o cafofo; imagino Elza Soares cantando; imagino Mané Garrincha; imagino uma tropa de choque em frente à banca de jornal do Sr. Fernando; imagino o querido alvinegro Cecílio fugindo das bombas de gás pela cozinha do Jobi.

Sonho feliz de cidade? Cidade de sonho feliz? Feliz cidade de sonho? E Caetano nunca me soou tão pertinente. Ele vindo do nordeste e eu do mesmo sudeste, também não entendi nada quando cheguei por aqui. O papo reto sinuoso, dos anos 70 para cá, mudou pouco. Talvez já me sinta menos estranha do que os versos da canção, mas continuo sem entender o que acontece. Se estamos longe da ditadura pela mudança dos tempos, vivemos dias tenebrosos regidos por arbitrariedades, intolerâncias e truculências; policiais militarizados e todo tipo de gentinha que pensa pequeno mas é protegida pelo legítimo poder, e que engorda cofres privados e fulanos internacionais.

Garoando e brisando na esfera do meu edifício, cercada pelo Investimento, Louvre, Hotel Boulevard, Conjunto Zarvos, Ambassador, San Siro e São Luis Plaza, me contento com as pequenas descobertas da rotina pan-americana. O tiritar da chuva sobre a cobertura da frente no mesmo ponto onde ainda vejo o fantasma do funcionário que me observa pelas manhãs. O vento chacoalha tudo, os plásticos chiam, as plantas dançam e algumas tombam. E quanto mais tempo admiro o arraial de quintais, mais vasos randômicos aparecem. São pequenos jardins improvisados, ilhas verdes no meio do cimento, que tentam trazer um pouco de vida para esta seca selva de pedra atlântica.

Uso um binóculo emprestado para encarnar o voyeur, mas as lentes de aumento me mareiam, o aparato me incomoda. Minha contemplação da vizinhança não é pessoal, não é invasiva ou intrusa das particularidades alheias. Faço percursos visuais genéricos, incapazes de descrever os pormenores da vida do outro. Existe algo de respeito em mim que impede o interesse, ou simplesmente me interessa pelo monumental coletivo. A minha janela é um orifício da câmara da minha casa, sensível às variações luminosas externas. Só do Louvre são 368 janelas. Faltam 8 que

não consigo enxergar por um ponto cego. Ver esses retângulos se acenderem ou piscarem com o azul da televisão é fascinante. Pouco me importa o que fazem no interior de suas casas, mas me alegro de estarem tão perto, como uma grande família anônima morando em uma caixa única, dividida em caixinhas unitárias, em um quarteirão da grande cidade. No meu favelão, entre homens, mulheres e travestis, de todas as cores e classes sociais, me sinto parte de um todo.

Leio uma nota com dizeres de Ravi Shankar: "No dia em que você sentir que o mundo todo é a sua casa, que o céu é seu teto, que a terra é seu piso e que cada árvore é seu jardim, então você realmente estará em casa.". Acho que cheguei lá.

Decido buscar na internet os antigos inquilinos da casa que constam nas contas a pagar. Só encontro a Keila, figura importante, professora do departamento de música e belas artes do Paraná, campos tão afins aos meus. O currículo da personagem dá corpo a um ser puramente imaginado. Sem conhecê-la, sinto um apreço pelo fato de ela ter morado aqui, por ter cuidado um pouco deste lar de tantos donos. E agora que posso imaginá-la melhor, tendo visto até umas fotografias do seu rosto no Google, Keila sem saber virou minha cúmplice, minha comadre.

Incrível como no Louvre atualmente só existem dois buracos de ar-condicionado. Taparam meio mal e porcamente os outros onze que haviam. Eu agradeço a conformidade das janelas com fundo rosa. Os demais edifícios ao redor também são bastante homogêneos, porém cinzas tristonhos, janelas retas e secas, ou os pequenos furos de ventilação do San Siro. Já não posso dizer o mesmo dos meus vizinhos copanenses. A parte dos fundos é um carnaval de adaptações e gambiarras que descaracterizam bastante o ícone arquitetônico, sem contar a falência de múltiplas partes que imploram por reforma. É impressionante como são poucos os condôminos que prezam pela parte traseira ou pela empena lateral dos edifícios, com o pensamento de que "ninguém está vendo, então dane-se". E assim, pessoas como eu, que vivem cercadas por partes traseiras e laterais, convivem com a feiura através da própria janela. Na *cidade tetris*, poucos são os que têm profundidade ou um horizonte possível da Serra da Cantareira.

Arquitetura para uma cidade nova, sem ruína. A mudança do olhar de quem trafega pelas ruas na necessidade de mirar para cima em uma paisagem não composta por montanhas, mas por prédios. Penso em Nova Iorque no início do século XX e as imagens que vieram de lá. Estreantes das câmeras, deslumbrados com o urbano, marcos da história da fotografia. Lembro do Copan de Andreas Gursky no início dos anos 2000 e em outras tantas fotos, não só do edifício retratado em demasia, mas de toda a urbanidade da cidade de São Paulo.

Vivo temporariamente em um emblema da arquitetura nacional, assinado por quem participou ativamente da construção moderna do país, ora aclamado, ora alfinetado pela crítica; homem público com afinidades socialistas, ainda que muitas vezes projetando obras faraônicas pouco condizentes com o popular, com o funcional ou com o igualitário do discurso, mas certamente destaques publicitários das cidades que as abrigam. Estou em um complexo de vivendas pensado para diferentes estruturas e padrões familiares, no qual a hierarquia se dá na mesma construção, que levando em consideração a posição do sol, o clima e os ventos, deixa os menos favorecidos com a parte mais penosa.

A casa é obra do arquiteto famoso e nesta base crio a minha própria. Obra e vida se misturam em uma performance dilatada, que começa em casa e se alastra pelo prédio, pelo ateliê, pelas ruas, em reflexões sobre um cotidiano aparentemente bastante conhecido. A obra não tem um fim em si mesma, é uma experiência recorrente que vai mudando de endereço de tanto em tanto, extraindo matéria de suas próprias dobras. Obra dobra.

Saindo de casa e atravessando o bequinho do Investimento em direção a São Luis, enfrentando a ventania canalizada na rua de pedestres, olho em volta e imagino o que um dia foi a Vila Normanda. Sinto o Copan pelas costas e imagino o posto de gasolina. Carros, sempre carros. Em pleno domingo à tarde, grande parte das vias está deserta, com exceção dos carros que jamais deixarão de circular na *cidademobil* que implora por estacionamentos e garagens automáticas. E quanto mais caminho, mais percebo as transformações do lugar, seja pelas placas de vende-se, pelos imóveis (re)abandonados ou pelos anúncios dos novos empreendimentos na tentativa de uma nova ocupação residencial e comercial seletiva do centro. Perto dos *puticlubs*, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente tem apenas um fiel e uma banda que se escuta alto pelo lado de fora. A antiga boate Kilt virou um terreno baldio. A cimentada Praça Roosevelt é o parque de diversão proibido dos skatistas insistentes.

O São Paulo freia o Corinthians e empata o jogo.

A República continua fragmentada entre a graça e o temor do heterogêneo, reunindo o melhor e o pior dos mundos, das diferenças e indiferenças sociais. A recentralização traz gente como eu para um centro de todos que pode vir a ser um centro só de alguns.
O inóspito só existe para quem quer.

Julho 2013